

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
NOÉMIA DELGADO, O CINEMA SINGULAR
8 de outubro de 2026

O DEFUNTO / 1981

Um filme de Noémia Delgado

Realização: Noémia Delgado / *Argumento:* Noémia Delgado, adaptação livre segundo o conto *O Defunto* de Eça de Queiroz / *Direção de Fotografia:* João Abel Aboim / *Assistência:* Alexandre Delgado O'Neill, António Pavia Bacalhau, Jerónimo Gingão / *Direção de Som:* Carlos Alberto Lopes / *Montagem:* Noémia Delgado, Dominique Rolin / *Produção:* João Menezes Ferreira, Eranova, para a RTP / *Genérico:* Mário Neves / *Interpretações:* Adelaide João (D. Urraca), Álvaro Corte Real, Argentina Rocha (D. Leonor), Avelino Duarte, João Guedes (D. Alonso de Lara), José Caldeira, Rosário Gonzaga / *Cópia:* Digital, a cores, falado em português / *Duração:* 60 minutos / *Estreia Nacional:* 28 de janeiro 1981 (RTP 2) / *Primeira passagem na Cinemateca.*

O CANTO DA SEREIA / 1983

Um filme de Noémia Delgado

Realização: Noémia Delgado / *Argumento:* Noémia Delgado, adaptação livre segundo o conto *O Canto da Sereia* de Júlio Diniz / *Direção de Fotografia:* João Abel Aboim / *Montagem:* Noémia Delgado, Dominique Rolin / *Direção de Som:* Carlos Alberto Lopes / *Produção:* João de Meneses Ferreira, Eranova, para a RTP / *Música:* Sinfonia n.º 2 de Gustav Mahler, Alan Stivell / *Genérico:* Mário Neves / *Interpretações:* Adelaide João (Coríntia), Dino Luz, João Guedes (Tio Cabaça), João Pinto Nogueira-Pinconé, Pedro Seabra, Rui Filipe Torres / *Cópia:* DCP, a cores, falado em português / *Duração:* 43 minutos / *Estreia Nacional:* 13 de julho de 1983 (RTP 2) / *Primeira passagem na Cinemateca.*

Duração total da projeção: 103 minutos.

Aviso: as presentes cópias em suporte digital, com o logotipo da RTP Arquivos, apresentam problemas ao nível do som e da imagem que prejudicam a fruição de ambas as obras, algo que só podemos lamentar na esperança de que um futuro restauro possa corrigir esta situação.

Num *talk show* transmitido pelo canal britânico Channel 4 em 1 de fevereiro de 1983, John Berger e Susan Sontag discutiam o que implica isso de se “contar uma história” quando, a dado momento, o escritor e ensaísta inglês perguntou à romancista, ensaísta e cineasta norte-americana o seguinte: “Acho que os contos fantásticos... o que revelam eles? Quer dizer, quero saber a tua opinião. Para que precisamos de contos fantásticos?” Ao que Sontag respondeu: “Bem, parece-me que as pessoas querem viajar para fora de si mesmas. Parece-me que há uma necessidade de experiência por interposta pessoa que não coincide sempre com a necessidade de verdade. Parece-me que precisamos de fantasia.”

Ora, depois do magnífico **Máscaras** (1976), na senda de Margarida Cordeiro e António Reis mas também, em certa medida, do Manoel de Oliveira de **Acto da Primavera** (1963), Noémia Delgado foi ao encontro de uma certa paisagem de verdade com o intuito de adaptar, com alguma liberdade, uma série de contos fantásticos escritos por nomes maiores da literatura portuguesa. Não se tratava de “viajar para fora”, mas de fazer do fantástico espaço comum e de comunhão com a matéria concreta, bruta e brutal do mundo, no caso, da paisagem profunda de Portugal. É isso que ressalta na constelação de fantasias que compõe os seus **Contos Fantásticos**, série de

médias e longas metragens realizada para a RTP nos idos anos 80, produzidas pelo coletivo Era Nova: Delgado exalta o lado concreto de tudo, desde as roupas até aos lugares da ação e às paisagens onde as lendas e mitos de um Portugal antigo e esquecido ganham espaço para assombrar e encantar um espectador de cinema dos dias de hoje eminentemente urbano e cinicamente (do) contemporâneo.

Esse convite ao encantamento por via do concreto, e *sem sair dele*, faz-se mediante um olhar mágico vindo do universo da fábula e do mito. À laia de Éric Rohmer ou, mais ainda, de Pier Paolo Pasolini (a quem Noémia dedica **O Canto da Sereia**), os filmes contêm alegorias sempre atuais, que denunciam alguns dos pecadilhos em que homens e mulheres tendem a cair como se fossem armadilhas colocadas à condição humana. **O Defunto** poderia chamar-se “O Canto do Marido Ciumento”, ao passo que **O Canto da Sereia** poderia assumir, como título “de verdade”, “O Afogado”. E, como num filme de Ingmar Bergman, em ambos, a Morte ganha uma configuração humana tão carnal quanto concreta e palpável. A interação com Ela propiciará, respetivamente, a salvação ou a danação dos nossos heróis. A Morte está presente, mas é verdade que é matreira e insidiosa, tendendo a agir nas costas de alguns dos peões destas histórias. Por exemplo, ataca no seguimento do canto mortífero e venenoso das sereias no filme que adapta o conto de Júlio Dinis, ao passo que no filme que adapta o conto de Eça de Queiroz (Fernando Garcia já havia tentado uma adaptação do mesmo texto na longa-metragem **O Cerro dos Enforcados** [1954]), intervém na ação, qual *Deus ex machina*, com o fito de evitar a tragédia que selaria a separação entre os dois protagonistas de uma história de amor interdito. Será a tragédia totalmente evitável em histórias cujo encantamento aparece quase sempre de mãos dadas com a Morte, mesmo que, em **O Defunto**, a esta última assista um desejo de redenção, quer dizer, de promoção do bem e precipitando um inesperado “final feliz”?

Os filmes de Noémia Delgado falam-nos de personagens (normalmente masculinas) consumidas pelos seus vícios: os rapazes atraídos pela beleza das ninfas em **O Canto da Sereia** e o impotente D. Alonso de Lara face ao alegado amor secretamente acalentado pela mulher, D. Leonor, por D. Rui de Cardenas. Se estas personagens tivessem ouvido quem os avisou, começando pela sua consciência e pela sua capacidade de julgar, teriam enfrentado um destino diferente. Na senda de **Máscaras**, onde o encantamento advinha de rituais ancestrais no Portugal profundo, revivificados pelo gesto documental, Noémia Delgado dá expressão a uma forma de *folk horror* que tem a paisagem rural portuguesa, e toda a sua fortuna natural e arquitetónica, como grandes e praticamente únicos efeitos especiais. É do concreto, como em Pasolini, que a fantasia brota, mas também é aí que ela se fixa. Verdade e fantasia de mãos dadas em quadros gerais a lembrarem a pintura medieval, mostrando pessoas, objetos e paisagens numa falsa profundidade que só vem evidenciar uma absoluta harmonia entre todos esses elementos. Uma participação conjunta num mundo que sobreviveria bem à ausência dos Homens. Ausência nossa e dos nossos dramas mais ou menos comezinhos. Por isso, em filmes como estes, talvez também por força de um dispositivo de distanciamento devedor de Brecht, de Pasolini e de uma mundividência que faria escola graças a filmes como **Trás-os-Montes** (1976), de Margarida Cordeiro e António Reis e **Máscaras**, e que ressoaria posteriormente num título como **O Movimento das Coisas** (1985), de Manuela Serra, a referida “fuga” nunca se dá em pleno. Estamos, de alguma maneira, sempre implicados, incapazes de viajar para lá de todas estas paisagens, remetidos para a dimensão mais dura e concreta da experiência do mundo.

Luís Mendonça